

Nos dramas, uma dura rotina diária

SÃO PAULO — Esquecido no superlotado corredor do Hospital Tide Setúbal, na Zona Leste da Capital, o padeiro desempregado Samuel Monteiro implorava aos médicos e enfermeiras que não o deixassem só:

— Tenho medo de morrer aqui nesse chão sujo e fedorento — dizia Samuel.

O padeiro chegara ao hospital no último domingo. Fora examinado por um médico de plantão, que diagnosticara graves problemas cardíacos, pulmonares e diabéticos. Como o hospital estava sem vagas, Samuel foi “internado” num dos corredores, ao lado de 65 outros pacientes, também em estado grave, que se espalhavam pelo chão, em improvisadas camas. Ali ficou por dois dias, recebendo apenas soro para controlar a diabetes e vivendo da esperança de obter vaga num hospital especializado em doenças do coração.

O drama de Samuel não choca mais médicos e funcionários dos hospitais públicos de São Paulo. O Diretor Geral do Hospital Tide Setúbal, Valdemar Murakami, disse que a luta agora é para garantir pelo menos a sobrevivência dos pacientes:

— A luta é contra o relógio, pois atendemos 40 mil pessoas por mês e

somos obrigados a fazer milagres, pois não há equipamentos nem pessoal para as necessidades — disse.

Com apenas 200 leitos, 300 médicos em diversos turnos e sequer sem uma UTI, o Tide Setúbal atende a uma população de 1,2 milhão de pessoas que moram na Zona Leste de São Paulo e em cidades vizinhas, como Ferraz de Vasconcelos, Guarulhos, Poá e Itaquaquecetuba. O Diretor do hospital afirmou que remove, em média, cerca de 900 pacientes por mês, por não ter condições de atendê-los, muitos dos quais necessitando de internação na UTI.

Embora superlotado, o Tide Setúbal mantém atendimento a mais de mil pessoas que todos os dias pela manhã fazem filas em frente aos seus portões na esperança de obter consultas ou internações. As pessoas já nem reclamam mais das filas, se depois de horas de espera conseguem atendimento, como afirma o operário Geovan do Nascimento:

— Conseguir assistência médica é como acertar na loteria — disse.

Mas esse drama poderia acabar se o Inamps e a Secretaria Estadual da Saúde colocassem em funcionamento imediatamente três hospitais já construídos na Zona Leste da Capital, mas que só devem ser inaugurados no segundo semestre deste ano, segundo denunciam os médicos, para coincidir com a campanha eleitoral.